



## A OBRA "ROSA PÚRPURA", DE BERNA REALE, COMO PONTO DE PARTIDA PARA DISCUTIR VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Fabiane de Cezaro  
Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
fcezaro@ufpr.br

Esta pesquisa, apresentada no Simpósio Nacional de História – ANPUH 2023, tem o intuito de discutir a obra *Rosa Púrpura* (2014), da artista paraense Berna Reale. *Rosa Púrpura* é um trabalho que parte de uma performance artística, desdobra-se para outras mídias e suscita reflexões sobre a violência de gênero, as quais serão apresentadas neste texto a partir de fontes que permitem articular a análise da obra e a problematização que ela envolve. Além da performance, a obra é composta por fotografias, cartazes e vídeos com relatos de mulheres que sofreram coerção sexual. Estes últimos foram publicados em um *website* da artista em 2014. Berna Reale declara, em suas entrevistas e conferências, que as temáticas abordadas em seus trabalhos são sempre abertas para discussões que permeiam o coletivo. Em suas obras, a artista enfoca diferentes tipos de violências, como a fome, a desigualdade social, a violência de gênero, abordando ainda as distintas formas de desigualdade presentes na sociedade brasileira. Desse modo, Reale apresenta signos com abertura para múltiplas leituras, não se restringindo a dados de uma determinada região ou país. Em *Rosa Púrpura* (2014), por exemplo, parte dos elementos centrais são uma prótese na boca, que remete à boca de bonecas infláveis; o uniforme escolar feminino, com saia plissada rosa e camisa branca; e o *hijab* (véu que cobre os cabelos utilizado por mulheres muçulmanas). Como embasamento teórico nesta pesquisa, foram selecionados trabalhos acadêmicos de Brígida Moura Campbell Paes, Jeanne Ramos e Ricardo Reichhardt, os quais discutem *Rosa Púrpura* dentro de diferentes perspectivas, como a apropriação do espaço urbano na performance e as possibilidades de um trabalho artístico transitar entre a ficção e a realidade. Para pensar a indumentária proposta pela artista na performance, foi importante a leitura da tese de doutorado de Sandra Lima Mendes, que discute a representação de mulheres ou jovens com uniformes em livros e HQs destinados ao público masculino. Já para analisar as fotografias que compõem a obra, intituladas *Muçulmanas*, foram utilizadas as pesquisas de Acácia Kairane S. de Alencar, que discorre sobre os enfoques da mídia brasileira quando se trata de grupos extremistas islâmicos, e de Lila Abu-Lughod, sobre como se dá a abordagem de lideranças ocidentais a respeito de mulheres muçulmanas. Com essa base bibliográfica, pretende-se discutir os pormenores envolvendo a obra *Rosa Púrpura*, de Berna Reale, que permite refletir sobre os altos índices de violência de gênero que impacta o cotidiano das mulheres brasileiras.

Palavras-chave: performance; Berna Reale; *Rosa Púrpura*, violência de gênero.



## A OBRA "ROSA PÚRPURA", DE BERNA REALE, COMO PONTO DE PARTIDA PARA DISCUTIR VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Fabiane de Cezaro  
Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
fcezaro@ufpr.br

Este texto aborda a obra *Rosa Púrpura* (2014), da artista paraense Berna Reale. A escolha teve como base o fato de que a obra envolve diferentes mídias, para propor uma denúncia ampla do abuso sexual contra mulheres. Antes de discutirmos a obra *Rosa Púrpura*, falemos brevemente sobre a artista. Berna Reale nasceu em 1965, em Belém, estado do Pará, onde ainda vive. Graduou-se em Artes na Universidade Federal do Pará em 1996, e desde 2010 trabalha como perita criminal no Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará. Com um trabalho relevante nas artes visuais desde a década de noventa, Reale tem como obra de maior visibilidade midiática a performance *Quando todos calam*, realizada no mercado Ver-o-Peso, em 2009.

FIGURA 1 – *QUANDO TODOS CALAM*, 2009



FONTE: REALE, Berna. *Quando todos calam*, Belém, 2009. In: Berna Reale. Galeria Nara Roesler. Disponível em: <<https://nararoesler.art/artists/69-berna-reale/>>. Acesso em 16 out. 2021.

Em *Quando todos calam*, Reale fica quatro horas deitada em uma maca com vísceras sobre seu corpo, que ao longo do tempo é cercado por aves de rapina. Com a performance, Reale expõe a vulnerabilidade desse corpo, que é também colocado como alimento. O que nós espectadores vemos é a imagem do corpo de uma mulher, um corpo que exterioriza sua suscetibilidade perante as aves. Portanto, essa imagem “nos conta uma história”, e permite a nós espectadores refletir sobre como o corpo das mulheres está cercado pelo perigo. Ou, para usar as palavras de Reale, sobre “como nós estamos expostos, como nós estamos servidos aos abutres” (REALE, 2016).

Reale levanta, assim, uma das temáticas centrais de suas obras, e que será discutida neste texto: a vulnerabilidade do corpo feminino. Nesse sentido, podemos pensar no caráter urgente de obras que abram espaço para as discussões acerca da violência de gênero, levando em consideração os índices altíssimos de feminicídio no Brasil. A sessão =*igualdades*, da Revista Piauí, apontou em algumas edições ao longo de 2023 dados referentes à violência de gênero no Brasil. Dentre eles, destacamos que no primeiro semestre de 2022, em média quatro mulheres por dia foram vítimas de feminicídio. O número de casos aumentou 10% em comparação com 2019. O estudo



apontou o declínio significativo de políticas públicas para o combate à violência de gênero no Brasil nesses anos. Ou seja, esse é um debate que exige vigilância constante, pois mesmo com as lutas e campanhas oriundas dos movimentos feministas no Brasil, que contam entre suas conquistas com as leis de criminalização da violência de gênero, os índices desse tipo de violência cresceram e continuam altíssimos.

Nesse sentido, algumas performances de Berna Reale nos permitem pensar sobre a violência de gênero dentro de uma perspectiva estética e artística<sup>1</sup>, ao mesmo tempo que estão ligadas a um contexto real flagrado pelos dados citados, de forma interseccional. Em muitas de suas obras, Reale cria através da simbiose entre corpo e espaço, demonstrando seu interesse por ambientes urbanos e utilizando Belém como cenário. Em suas entrevistas ou conferências, Reale registra que as temáticas abordadas em seus trabalhos são sempre abertas para discussões que permeiam o coletivo. Em cada obra, a artista dá ênfase a um tipo de violência, como a fome, a desigualdade social, a violência de gênero, trazendo ao mesmo tempo um enfoque para as distintas formas de desigualdade presentes na sociedade brasileira.

*Rosa Púrpura* (2014) foi construída como crítica à violência da qual, principalmente, mulheres são vítimas. A obra foi composta por diferentes ações:

- a) uma performance registrada em fotografias e um vídeo. Nele, Reale e mais cinquenta jovens, trajando indumentária escolar rosa e branca e prótese na boca, remetendo à boca de bonecas infláveis, marcham por ruas de Belém junto a uma banda com uniforme militar, que vem logo atrás;
- b) cartazes espalhados em pontos culturais, sobretudo, da cidade de São Paulo, para divulgar a exposição de Reale que estava na Galeria Millan. Nos cartazes constavam fotografias das mesmas jovens com a prótese em suas bocas;
- c) um *website* ([www.bernareale.com](http://www.bernareale.com))<sup>2</sup> com depoimentos de mulheres que sofreram abuso sexual e que compunham o projeto, algumas inclusive participantes no desfile da performance e das fotografias dos cartazes. O *website* também apresentava notícias sobre

---

<sup>1</sup> As performances *Limite Zero* (2011) e *Frio* (2017) também podem gerar leituras acerca da violência de gênero.

<sup>2</sup> Atualmente o *website* não está mais disponível, mas é possível encontrar dois depoimentos que fazem parte da obra em < <https://bernareale.wordpress.com/>>. Acesso em: 7 fev. de 2023.



abuso sexual em diferentes lugares do mundo e podia ser acessado por meio de um *QR Code* disponível nos cartazes que divulgavam a exposição<sup>3</sup>;

d) e um conjunto de fotografias intitulado *Muçulmanas*, em que a Reale usa um *hijab*, elemento que remete à indumentária de mulheres muçulmanas. Nas imagens, a artista tem os olhos tapados pelas mãos de um homem e usa a mesma prótese da performance em sua boca.

Portanto, é uma obra complexa, com muitos desdobramentos e que traz a prótese na boca das mulheres como elemento comum entre as diferentes mídias utilizadas. A partir desse objeto que evoca as bocas de bonecas infláveis, é possível ler a ênfase que a obra dá na transformação desses corpos em objetos sexuais. Como explicita Jeanne Ramos,

(...) bonecas infláveis são bonecas com características físicas de mulher (ou de homem, mas essa não vem ao caso), muitas vezes com seios e glúteos avantajados e orifícios como vagina, ânus e boca, nos quais o homem pode penetrar o pênis tal qual como em uma relação sexual. A substituição da boca biológica por essa prótese de caráter sexual sugere a intenção em evidenciar a sexualização constante e exacerbada a qual as mulheres estão submetidas involuntariamente, mas também a necessidade de apontar como esses mesmos corpos tão cobiçados são descartáveis como o plástico com o qual é feita a prótese (...) e passíveis de silenciamento, como o que indica o abafamento do poder de fala ocasionado pela implantação de uma boca não humana (2020, p. 70-71).

FIGURA 2 – *ROSA PÚRPURA* (1), 2014

---

<sup>3</sup> “O projeto conta ainda com um site em que são publicados depoimentos de mulheres que sofreram violência sexual. A artista expõe ainda matérias jornalísticas sobre o tema, publicadas por jornais de diversas partes do mundo, e com isso revela que o abuso é, infelizmente, um problema global” (PAES, 2018, p. 221).



FONTE: REALE, Berna. *Rosa Púrpura*, Belém, 2014. In: Berna Reale Portfolio. Galeria Nara Roesler. Disponível em: <<https://nararoesler.art/usr/library/documents/main/69/gnr-berna-reale-portfolio.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2023.

FIGURA 3 – ROSA PÚRPURA (2), 2014



FONTE: REALE, Berna. *Rosa Púrpura*, Belém, 2014. In: Berna Reale. Galeria Nara Roesler. 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://nararoesler.art/radar/532/>>. Acesso em 7 fev. 2023.

A performance encena um desfile cívico-militar, ato costumeiramente usado como forma de enaltecer o poder vigente ou rememorar grandes feitos históricos, sempre



organizados de maneira disciplinada. A presença masculina se dá pela banda que marcha atrás. Quanto à indumentária das jovens, ela remete aos uniformes escolares antigos<sup>4</sup>. A cor rosa está presente, assim como no título da obra, e é associada ao universo feminino. A utilização de elementos que remetem ao feminino para ironizar ou questionar os lugares sociais destinados às mulheres é um recurso revisitado por artistas com mais frequência a partir da década de 1970 (RAMOS, 2020, p. 74).

O figurino de colegial utilizado por Reale vai ao encontro da crítica que a pesquisadora Sandra Lima Mendes faz quanto à representação de colegiais que, segundo ela, é utilizada para a produção de um imaginário social que sustenta um olhar pornográfico masculino. Nesse contexto, figuras jovens são representadas com inocência e ao mesmo tempo com lascívia em diferentes mídias: histórias em quadrinhos, textos literários, clipes musicais e filmes, principalmente a partir da década de 1960. Em sua tese, Mendes aborda as inúmeras postagens da revista *Playboy* trazendo o ambiente escolar e universitário como cenário erótico. E, comparando as diferentes representações de homens e mulheres em cartuns e HQs adultos das décadas de 1980-90, a autora aponta que as mulheres são retratadas de forma mais infantilizada (2009, p. 121-122).

A banda militar que segue a marcha das mulheres está vestida de verde com coturnos pretos. Jeanne Ramos, que estudou a obra de Reale a partir dos conceitos de feminismo e violência, aborda aspectos da herança militar veiculada aos uniformes escolares, utilizados com intuito disciplinador. Ela argumenta que a uniformização por meio da vestimenta retira a individualidade, tornando a massa de mulheres homogênea; além disso, o uniforme representa controle sobre os corpos, que repetem os mesmos movimentos e marcham no mesmo ritmo (2020, p. 70-71). Também é possível pensar na hierarquização dos uniformes presentes na performance, que carregam características disciplinadoras distintas. Enquanto o uniforme militar pode ser lido pelo viés da virilidade, o das colegiais remete à obediência.

Quanto aos cartazes que serviram como divulgação da exposição da artista em São Paulo, eles têm uma finalidade importante na composição da obra por abranger um público que pode não ter disponibilidade ou condições de ir às galerias de arte ou museus.

---

<sup>4</sup> Este modelo de uniforme escolar ainda é utilizado no Colégio Estadual Paes de Carvalho, em Belém/PA. Entretanto, Reale não indica, até onde foi apurado nesta pesquisa, uma referência específica para a composição da indumentária da obra.



Através do *QR Code* disponível nos cartazes, era possível ter acesso ao site com relatos de jovens sobre suas experiências de constrangimento, coerção e violência sexual.

FIGURA 4 – ROSA PÚRPURA (3), 2014



FONTE: BERNA, Reale. *Rosa Púrpura*, Belém, 2014. In: Berna Reale Portfolio. Galeria Nara Roesler. Disponível em: <<https://nararoesler.art/usr/library/documents/main/69/gnr-berna-reale-portfolio.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2023.

A criação e a produção de *Rosa Púrpura* ocorreram em Belém, no Pará, estado que foi um dos alvos das investigações da CPI da Pedofilia, realizada entre março de 2008 e dezembro de 2010 e que apurou denúncias de exploração sexual de crianças e jovens em nove estados brasileiros. Segundo Iara Lemos, do portal de notícias G1, entre os acusados havia pessoas ligadas à política, à religião e à magistratura. O Pará foi o estado com o maior número de acusações, reflexo do aumento da violência sexual entre 2003 e 2008. Neste estado, há ainda o caso emblemático da situação de pobreza vivida por parte da população da Ilha do Marajó, abordada por inúmeras reportagens sobre crianças e



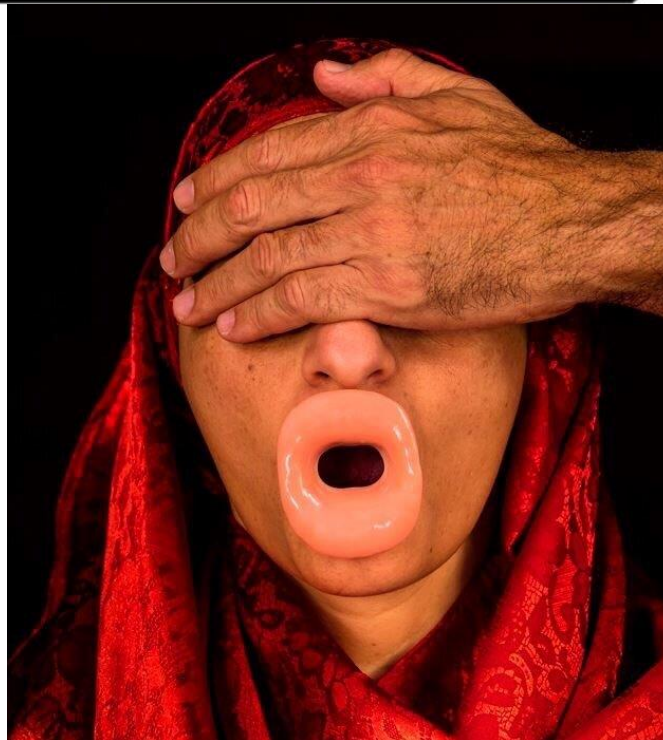
adolescentes explorados sexualmente em troca de alimentos ou objetos. Ressaltamos aqui que essa foi uma situação muito noticiada em 2014, ano da obra *Rosa Púrpura*<sup>5</sup>.

Tais fatos dialogam com a justaposição entre ficção e realidade que a própria Berna Reale propõe em *Rosa Púrpura*, a partir da participação e dos relatos das jovens, que eram colegas no período em que o trabalho foi executado. A tese de doutorado da artista visual Brígida Paes (2018) buscou apresentar como a arte se relaciona com os espaços públicos e como mobiliza e modifica ambientes, propondo novos aspectos para se pensar o cotidiano. Paes discorre sobre a amplitude da obra de Reale, quando esta cria diversas ações para compor o mesmo trabalho. A pesquisadora pensa a cidade como um “organismo vivo”, com estruturas que se entrelaçam, desde espaços públicos, como as ruas e praças, até os espaços particulares, como o lugar onde se vive. Paes trata ainda das relações estabelecidas pela internet, pelas redes sociais e pelas mídias impressas, e de que modo os meios de comunicação e o universo virtual estreitam os laços que separam o público e o privado. As obras artísticas passeiam por esses espaços, podendo suscitar outras leituras do cotidiano.

FIGURA 5 – ROSA PÚRPURA (4)

---

<sup>5</sup> É possível, também, que Reale tenha se baseado em outro fato gravíssimo ocorrido no Colégio Estadual Ulysses Guimarães, em 2009 – Belém/PA. Trata-se de uma gravação de jovens fazendo sexo no banheiro da escola, entre eles uma menina de 13 anos, gravação que foi massivamente compartilhada na internet. Tal fato foi narrado durante o debate após a comunicação no 32º Simpósio Nacional de História – ANPUH 2023, e era até então desconhecido na pesquisa acerca da obra.



FONTE: REALE, Berna. *Rosa Púrpura* (Muçulmanas), Belém, 2014. In: Berna Reale. Guia das Artes. Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/berna-reale/imagens>>. Acesso em 13 set. 2022.

Quando vemos as fotografias da performance ou os cartazes que compõem *Rosa Púrpura*, interpretamos que se trata de uma reflexão crítica sobre a violência contra mulheres. Porém, no contato com as fotografias intituladas *Muçulmanas*, em que Berna aparece trajada com *hijab*, devemos entender que a artista coloca todas as mulheres muçulmanas como vítimas de violência? Por que são as mulheres com véu que estão com os olhos tapados por mãos masculinas?

A antropóloga Lila Abu-Lughod fala no artigo “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?” do interesse incitado pela mídia estadunidense em relação às mulheres muçulmanas desde o 11 de setembro de 2001, como se desvendá-las pudesse trazer explicações sobre os atentados ao *World Trade Center* e outras questões políticas envolvendo os Estados Unidos e o Oriente Médio. E sobre esse aspecto Abu-Lughod faz uma pergunta importante: “as mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?”. Desse modo, a autora ironiza o interesse por essas mulheres no âmbito cultural após o atentado às Torres Gêmeas, quando a abordagem poderia se voltar para regimes repressivos que crescerem em decorrência do colonialismo. Assim, a antropóloga chama a atenção para a tendência de se construir um discurso de salvamento em relação



às mulheres muçulmanas, como uma extensão do colonialismo. Isto é, é possível questionar o quanto não estamos reproduzindo um discurso civilizatório quando olhamos para outra cultura. Quanto ao véu utilizado por muçulmanas, ele não é um sinal de falta de liberdade, e o incômodo em relação a ele aponta a dificuldade de lidar com diversidades culturais.

Uma possibilidade de leitura sobre a escolha de Reale pelo véu pode estar na relação com os sequestros de mulheres pelo grupo Boko Haram<sup>6</sup>. O sequestro mais impactante foi o de 276 jovens de Chibok, na Nigéria, em abril de 2014, o que gerou uma discussão sobre gênero e a violência advinda de grupos extremistas, principalmente contra mulheres. Esse evento foi amplamente retratado pela mídia brasileira e ocorreu no mesmo ano de criação de *Rosa Púrpura*. O impacto dos sequestros de mulheres pelo Boko Haram causa um forte interesse da mídia, mas os olhares não se voltam à desigualdade desenfreada na Nigéria ou como os conflitos culturais são aproveitados no período pós-colonial para exploração de um território rico em petróleo.

Para Acácia Kairane S. de Alencar, a sociedade nigeriana tem uma cultura masculina no que concerne à ocupação de cargos de lideranças, sendo que a maioria das mulheres de classes populares ocupa cargos não remunerados, o que causa uma dependência financeira em relação aos pais e posteriormente aos maridos (2021, p. 133-134). Alencar ainda aponta que a violência por parte do Boko Haram é instrumental, utilizada como movimento político contra mulheres dentro de uma sociedade prioritariamente patriarcal. Dentro desse contexto de reivindicação política, é importante destacar ainda alguns elementos: a herança colonialista da qual o estado se aproveita para alimentar conflitos entre povos culturalmente diferentes; o incentivo financeiro externo para grupos extremistas; e uma cultura patriarcal que dificulta a movimentação social de mulheres para lideranças políticas.

Nesse sentido, não estamos relativizando a ação dos grupos extremistas e sua repudiável violência, *mas sim sinalizando como o discurso ocidental de libertação das mulheres pode soar desrespeitoso*. Como vemos, essa temática toma proporções muito

---

<sup>6</sup> O Boko Haram é um grupo jihadista que atua no norte da Nigéria, composto de sunitas da linha salafista, que promovem uma guerra santa nessa região, afetando também países limítrofes com a República Centro Africana e o Chad. Seu principal objetivo é implantar a lei da Sharia em uma região onde existem outras denominações muçulmanas, tanto sunitas como xiitas.



delicadas e propicia leituras nem sempre previstas pela artista que toca em tais assuntos.

Retome-se aqui o debate proposto por Abu-Lughod:

“As mulheres muçulmanas precisam de salvação?”. A discussão da cultura, do uso do véu e de como se pode navegar pelo terreno incerto da diferença cultural deveriam lançar uma luz distinta sobre a autocongratulação de Laura Bush acerca do regozijo das mulheres afegãs liberadas pelas tropas americanas. É profundamente problemático construir a mulher afegã como alguém que precisa de salvação. Quando se salva alguém, assume-se que a pessoa está sendo salva de alguma coisa. Você também a está salvando para alguma coisa. Que violências estão associadas a essa transformação e quais presunções estão sendo feitas sobre a superioridade daquilo para o qual você a está salvando? Projetos de salvar outras mulheres dependem de, e reforçam, um senso de superioridade por parte dos ocidentais, uma forma de arrogância que merece ser desafiada. Tudo o que se precisa fazer para vislumbrar a qualidade condescendente da retórica de salvar mulheres é imaginar utilizá-la hoje nos Estados Unidos em relação a grupos em desvantagem, como mulheres afro-americanas ou mulheres proletárias. Nós agora entendemos que elas sofrem uma violência estrutural. Tornamo-nos politizados acerca de raça e de classe social, mas não em relação à cultura (2012, p. 465).

Quando se aborda a crítica a violência de gênero proposta nas ações de *Rosa Púrpura*, também com fotografias das jovens e seus relatos, quebrando barreiras entre ficção e realidade, se for observado um possível diálogo com as notícias abordando o sequestro das meninas nigerianas, pode-se com isso despertar para um debate importante. Pois permite pensar que essa realidade não envolve apenas o Brasil, devendo ser questionada de forma coletiva, inclusive em conexão com outros países.

A falta de uma alusão clara ao sequestro das jovens nigerianas, entretanto, pode sugerir que Reale se refere às muçulmanas de forma geral, como indica o título das fotografias. Tal concepção acerca do aprisionamento das muçulmanas, como um todo, pode ser reflexo do tratamento comum das mídias a respeito do tema, em que as muçulmanas são colocadas como impossibilitadas “de ver a liberdade”. De todo modo, a obra de Reale se inscreve em um campo complexo de referências e jogos entre ficção e realidade, gerando um leque de interpretações possíveis que constitui parte da potência da criação artística.

O trabalho de Berna Reale foi escolhido para esta análise porque experimenta diferentes formatos para estabelecer relação com os espectadores, promovendo um diálogo entre as ruas e as galerias de arte, entre a visualização de uma performance ao



vivo e seus registros em fotografias e vídeos. *Rosa Púrpura* propõe uma interconexão entre ficção e realidade, ao menos dentro da leitura feita nesta pesquisa. Por isso, buscamos apresentar conexões possíveis a partir de um panorama de notícias jornalísticas, ressaltando a necessidade de se debater a violência de gênero num país em que ela soma índices exorbitantes. Assim, a investigação na arte, com todas as suas arestas, pode servir como um ponto de partida para pensar problemas sociais que influenciam diretamente o cotidiano e a vida das mulheres.

## LISTA DE FONTES

EXPLORAÇÃO sexual de crianças no Marajó é tema de reunião em Belém. **G1 PARÁ**. 17 jan. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/01/exploracao-sexual-de-criancas-no-marajo-e-tema-de-reuniao-em-belem.html>>. Acesso em 13 set. 2022.

LEMOS, Iara. CPI da Pedofilia deve terminar sem pedir indiciamentos. **G1**. Brasília, 16 dez. 2010. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/cpi-da-pedofilia-deve-terminar-sem-pedir-indiciamentos.html>>. Acesso em 13 set. 2022.

BUONO, Renata; MAZZA, Luigi; VIEIRA, Maria Júlia. Quando a violência mora ao lado. =**igualdades - Revista Piauí**. 23 jan. 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/quando-violencia-mora-ao-lado/>>. Acesso em 14 de jul. 2023.

REALE, Berna. **5º Prêmio Marcantonio Vilaça – Berna Reale (PA)** – Canal SESI, 2016 (captura de tela). 1 vídeo (2min59s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OpAJIeDJPUA>>. Acesso em 19 jan. 2023.

\_\_\_\_\_. **Quando todos calam**, Belém, 2009. In: Berna Reale. **Galeria Nara Roesler**. Disponível em: <<https://nararoesler.art/artists/69-berna-reale/>>. Acesso em 16 out. 2021.

\_\_\_\_\_. **Rosa Púrpura** (Muçulmanas), Belém, 2014. In: Berna Reale. **Guia das Artes**. Disponível em: <<https://www.guiadasartes.com.br/berna-reale/imagens>>. Acesso em 13 set. 2022.

\_\_\_\_\_. **Rosa Púrpura**, Belém, 2014. In: Berna Reale Portfolio. **Galeria Nara Roesler**. Disponível em: <<https://nararoesler.art/usr/library/documents/main/69/gnr-berna-reale-portfolio.pdf>>. Acesso em 7 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. **Rosa Púrpura**, Belém, 2014. In: Berna Reale. **Galeria Nara Roesler**. 27 ago. 2018. Disponível em: <<https://nararoesler.art/radar/532/>>. Acesso em 7 fev. 2023.



\_\_\_\_\_. **Trip Transformadores / 2016 – Berna Reale** – Canal Trip Transformadores. 1 vídeo (6min06s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O0Db6fdchUU>>. Acesso em 13 dez. 2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 451-470, maio/ago. 2012.

ALENCAR, Acácia Kairane S. de. **A supressão dos direitos das mulheres nigerianas pelo Boko Haram**: algumas abordagens da mídia brasileira (de 2002 até 2018). Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

MENDES, Sandra Mara Silva de Lima. **Lições do desejo**: o fetiche pelas colegiais em um estudo sobre a pornificação do imaginário sexual masculino. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PAES, Brígida Moura Campbell. **Arte para uma cidade sensível**: arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAMOS, Jeanne. **Mete a colher**: feminismo e violência na obra de Berna Reale. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

REICHHARDT, Ricardo. **Experimentações da fotografia contemporânea nas redes da criação de Rodrigo Braga, Nino Cais e Berna Reale**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ROCHA, Susana de Noronha Vasconcelos Teixeira da. Berna Reale: a importância do choque e do silêncio na performance. **Revista Estúdio, Artistas sobre Outras Obras**, Lisboa, Portugal, v. 5, n. 9, p. 22-30, 2014.